



Fé e Cidadania



Adolfo Kolping e os testemunhos daqueles que põem em prática a Doutrina Social da Igreja

Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP

Neste ano, a Obra Kolping, uma organização social católica fundada em 1849, na Alemanha, completa um século de presença no Brasil. Esse aniversário é uma boa ocasião para um pequeno mergulho na história da Doutrina Social da Igreja. Adolfo Kolping (1813-1865), beatificado por São João Paulo II em 1991, fundador da organização, foi um sacerdote alemão que se dedicou à questão social e, particularmente, à condição dos operários no contexto do capitalismo industrial do século XIX. Apesar (ou, talvez, exatamente em função) das imensas mudanças da economia, da política e das condições laborais desde esse período, podemos – nesse mergulho – nos dar conta daquilo que é perene no ensinamento social católico, tal como, esperamos, se torna claro nos artigos deste Caderno Fé e Cidadania.

Para começar, percebemos que a Doutrina Social da Igreja não é uma teoria abstrata, nascida de algumas mentes – quiçá até santas e geniais, mas descoladas do mundo real. Pelo contrário, é o fruto da experiência concreta de tantos cristãos que, ao longo da história, dão sua vida pelo bem dos irmãos, particularmente daqueles que mais sofrem, um diálogo entre a reflexão teológica e os desafios e experiências dos cristãos engajados na construção do bem comum. Vemos que, quando o Papa Leão XIII escreveu sua *Rerum Novarum* - sobre a condição dos operários (1891), esta-

Quando acompanhamos a história de testemunhos dos cristãos comprometidos com a questão social, como foi o Beato Kolping, compreendemos as palavras de São João Paulo II: “A Igreja considera sua tarefa fazer com que sejam sempre tidos presentes a dignidade e os direitos dos homens do trabalho, estigmatizar as situações em que são violados e contribuir para orientar as aludidas mutações, para que se torne realidade um progresso autêntico do homem e da sociedade” (Laborem exercens, LE 1). Trata-se de um compromisso ético, pois “todos os compromissos decorrentes da doutrina social da Igreja derivam da caridade que é – como ensinou Jesus – a síntese de toda a Lei (cf. Mt 22, 36-40)”, como lembra o Papa Francisco (Fratelli tutti, FT 181), citando Bento XVI (Caritas in veritate, CV 2).

va já amparado por uma longa história de lutas sociais e reflexões levadas adiante pelos católicos, motivados pela difícil condição de vida dos trabalhadores daquela época.

Esses cristãos são “gente de Igreja”, não por viverem enfiados nos templos e nas sacristias, mas, sim, porque, pelo contrário, estão o tempo todo no mundo, motivados pela experiência do encontro com Cristo que os leva a amar seus irmãos, lutar por justiça e construir o bem comum. Os princípios da Doutrina Social da Igreja não são confessionais. Uma pessoa não precisa ser católica para lutar pela justiça, defender a família, amparar os pobres e os fracos. Em teoria, todo ser humano

tem esses anseios em seu coração e, se honesto consigo mesmo, se esforçará para realizá-los. Contudo, essa “gente da Igreja” se compromete a partir de seu encontro com Cristo, que lhes desperta aquilo que têm de mais profundo e verdadeiro – e isso se manifesta em algumas posições e em alguns momentos, não como pretensão ou sectarismo, mas como convite a uma humanidade mais alargada.

Entre essas posições “características” da experiência cristã, podemos salientiar três, bem ilustradas pelo testemunho do Padre Kolping. Em primeiro lugar, a dedicação à promoção humana, pois os cristãos acreditam que a transformação das estruturas depende

de pessoas preparadas e comprometidas com um futuro melhor para si e para toda a sociedade. Daí, em segundo lugar, o eterno retorno ao tema da família, fundamental para o desenvolvimento da pessoa. E, por último, a criação de obras sociais que permitam o desabrochar do novo a partir do protagonismo da pessoa e da comunidade em que está inserida.

O Papa Bento XVI, em pleno século XXI, observou: “Os atores e as causas tanto do subdesenvolvimento quanto do desenvolvimento são múltiplos, as culpas e os méritos são diferenciados. Este dado deveria induzir-nos a libertarmos-nos das ideologias que simplificam, de forma frequentemente artificiosa, a realidade, e levar-nos a examinar com objetividade a consistência humana dos problemas [...] Continua ‘o escândalo de desproporções revoltantes’ (*Populorum progressio*, PP 9). Infelizmente, a corrupção e a ilegalidade estão presentes tanto no comportamento de sujeitos econômicos e políticos dos países ricos, antigos e novos, quanto nos próprios países pobres. No número de quantos não respeitam os direitos humanos dos trabalhadores, contam-se às vezes grandes empresas transnacionais e também grupos de produção local” (CV 22).

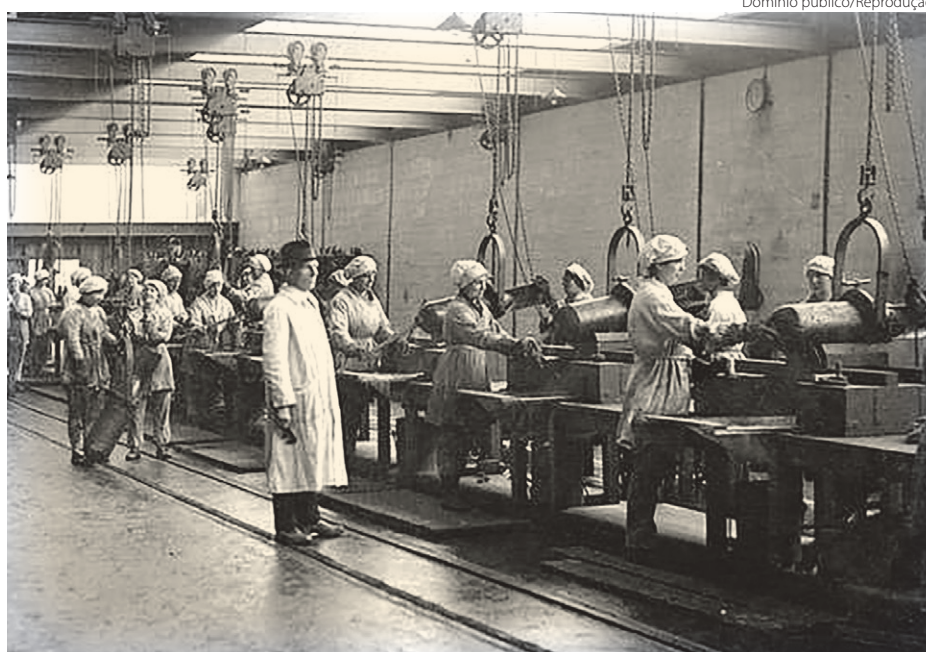
Que nós também possamos estar a altura do testemunho de pessoas como Adolfo Kolping, comprometendo-nos com a dignidade de nossos irmãos e com a construção do bem comum.

Os católicos e o movimento operário no século XIX

Marli Pirozelli N. Silva*

Muito antes da publicação da encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII (1891), leigos e sacerdotes posicionaram-se contra as condições desumanas do trabalho dos operários já no século XIX. Por meio de artigos, debates e atuação política e sindical, propunham soluções práticas, inspiradas na concepção cristã de homem e sociedade, tais como medidas de assistência para os mais pobres, acesso à educação e intervenções do Estado para garantir direitos aos operários. Na França, Lamennais (1782-1854), nove anos antes do Manifesto Comunista, identificou a desigualdade como o principal problema da nascente economia capitalista, pois reduzia o homem “alienado de sua personalidade” a um novo tipo de escravidão, causando a miséria dos operários; e Villeneuve-Bargemon (1784-1850) apontava a necessidade de repartir a riqueza produzida, sendo o primeiro a definir os elementos da justiça social, chegando a propor um salário-mínimo. Frederico Ozanam (1813-1853), talvez o mais conhecido entre esses cristãos franceses, uniu reflexão e ação, fundando as Conferências de São Vicente de Paulo, movimento que ainda hoje reúne milhares de pessoas dedicadas aos pobres. Na Alemanha, a atuação do bispo Von Ketteler (1811-1877), assumindo publicamente a defesa dos operários, e de Adolfo Kolping (1813-1865), criando a “Associação dos Jovens Aprendizes”,

O século XIX foi um período de intensa agitação política: revoluções, revoltas populares, lutas sindicais, embates ideológicos entre teorias socialistas e propostas reformistas sacudiram a Europa e os Estados Unidos. A industrialização havia introduzido uma nova dinâmica econômica, que mudaria para sempre as relações de trabalho e a vida cotidiana dos trabalhadores. Antigos saberes, formas de trabalho e associação foram definitivamente abandonados e os efeitos deste processo não tardaram a surgir. Entre eles, uma classe operária miserável, sem direitos trabalhistas, submetida a condições desumanas (longas jornadas, salários baixos, insalubridade, trabalho infantil), sujeita a doenças e acidentes, vivendo em moradias precárias.



Domínio público/Reprodução

incentivaram a organização dos trabalhadores. Em 1865, já havia 318 “Associações Kolping”, com 24 mil membros na Alemanha.

Atento às transformações geradas pela Revolução Industrial, Leão XIII tratou da questão social desde o início de seu pontificado (1810-1903), publicando a *Rerum Novarum* - sobre a condição dos operários (1891). Suas reflexões sobre a natureza do Estado, socialismo e liberalismo lançaram as bases teológicas e filosóficas da vida política e social que iriam orientar a Doutrina Social da Igreja, dando início a um conjunto doutrinário que continua a desenvolver-se, oferecendo uma orientação segura para a atuação dos cristãos a partir do Evangelho.

Ainda que muitas soluções propostas nesse período sejam fruto da época, esses cristãos, com suas reflexões e suas lutas, deixaram claro que a pessoa é o centro de toda a vida econômica e social. Assim como eles procuraram responder aos desafios da sociedade industrial, também somos chamados a enfrentar os desafios de um mundo em contínua mudança, para que o anúncio de Cristo penetre todas as estruturas econômicas e sociais e ninguém seja deixado caído ao largo do caminho (cf. *Fratelli tutti*, FT 68).

* Professora universitária de Doutrina Social da Igreja, com especialização em Doutrina Social (PUC-Goiás), graduação em História e mestrado em Filosofia da Educação, ambos pela USP.

O posicionamento do Beato Adolfo Kolping sobre a questão social

Pe. Luiz Roberto de Andrade Souza*

Diante dos desafios encontrados na turbulência social do século XIX, na Alemanha, o Bem-aventurado Adolfo Kolping apresenta três respostas, desenvolvidas gradativamente ao longo de sua vida, que, para ele, representavam a solução efetiva para a questão social não só do seu tempo, mas de todos os tempos, pois atuam diretamente nas causas dos problemas e não apenas nos seus sintomas.

1) O amor cristão. Kolping acreditava que a miséria poderia ser superada com a prática da autêntica caridade cristã, e, por isso afirmava que “Quanto mais espírito cristão houver, menos miséria haverá; pois a miséria só se instala porque os homens não são melhores cristãos”. Logo, para ele, todo mal existente tem uma relação direta com o pecado e ignorar esse fato era também ignorar a fonte dos problemas, e por isso escreveu “(...) a questão social é ainda a questão em torno da miséria que se tornou imensa e dizemos coerentemente

Para Adolfo Kolping, a mudança social passa pela mudança do homem por meio da reforma na vida espiritual e moral, levando à verdadeira caridade cristã; promovendo e apoiando o autodesenvolvimento da pessoa, fortalecendo sua família, comunidade e grupos organizados. Por fim, a mudança passa por uma política social autenticamente cristã, em que o Estado será capaz de promover leis que conduzam a sociedade a um verdadeiro bem comum.

te quanto a isto que é também a questão em torno do pecado, que se tornou imenso também...”. Com isso, a caridade cristã deveria ajudar a solucionar os problemas materiais dos necessitados, mas não podia perder a dimensão da fé, da evangelização, para que também a miséria do pecado fosse superada.

2) Ajuda para a autoajuda. Além da dimensão espiritual que forja a vida moral, é necessário o encaminhamento a uma vida de virtudes por meio da formação e do trabalho. “Ajude a construir um futuro melhor, ajudando a educar”, dizia. E sua Associação serviu a esse objetivo, buscando educar os jovens trabalhadores

para a profissão e para a vida, de modo que conquistassem autonomia para dirigir suas vidas e suas famílias dignamente, e colaborassem com o bem comum na dimensão político-social com seus dons, virtudes e conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória formativa. Percebendo o quanto o contexto ideológico da época (como também o de hoje) afastava os jovens de uma posição humana e cristã justa, Kolping comentou: “(...) Devemos dobrar nossas preocupações e esforços na educação e orientação dos nossos jovens aprendizes (...) A Associação tem a tarefa que lhe foi passada por Deus, de assegurar aos jovens (...) a proteção necessária e

propiciar-lhes uma formação melhor do que aquela que o opositor poderia ou conseguiria oferecer”.

3) Política social dirigida. Para além da caridade individual e de uma ação coordenada pela organização de grupos intermediários, como fez com sua associação, Padre Adolfo Kolping também enfatizou a importância de ações políticas de Estado, portanto, amparadas por leis, para que a questão social pudesse ser efetivamente solucionada. Sobre as injustiças praticadas no mundo do trabalho, manifestou que “tais questões não são solucionadas com graça e piedade, mas com justiça; a vida social, em todas as suas ramificações, baseia-se no direito correto e, por isso cristão, e deve ser protegida e garantida por lei”. Assim, deixava claro que a política social deveria ser orientada pelos valores cristãos e, portanto, havia a necessidade do engajamento destes e até o posicionamento ativo da Igreja em determinadas situações político-sociais.

* Vice-Assistente Eclesiástico Nacional da KOLPING BRASIL e Pároco na Diocese de Osasco - SP

Beato Kolping, precursor da Doutrina Social da Igreja: uma homilia de São João Paulo II

Adolfo Kolping, no século XIX, lançou a grande luz do Evangelho sobre a sempre difícil questão da justiça social nas relações recíprocas entre trabalho e capital. A beatificação de Adolfo Kolping, no ano da celebração do centésimo aniversário da encíclica *Rerum Novarum*, adquire um significado particularmente eloquente. Ele procurou sacudir a indolência dos cristãos e lembrá-los de suas responsabilidades para com o mundo [...] Os lugares em que a responsabilidade humana e cristã deve ser exercida são, para ele: a família, a Igreja, o trabalho e a política.

A Família é a primeira e mais natural comunidade da vida. Nenhum homem vem ao mundo sozinho: seu pai e sua mãe lhe dão a vida. Uma criança precisa de família, precisa de amigos e parentes para ajudá-la a estabelecer relações com o mundo ao seu redor. Adolfo Kolping escreve: “A primeira coisa que o homem encontra na vida, a última coisa que alcança e a coisa mais preciosa que possui, mesmo quando não a aprecia, é a vida familiar” [...] É o lugar em que pode ter as suas primeiras experiências de vida e de fé, para poder, a partir desse fundamento, viver suas experiências posteriores de fé no mundo. No entanto, ele estava ciente das ameaças às famílias e de suas falhas. Por isso, deu tanto valor à santificação da família [...] Se a família permanecer saudável, uma sociedade doente também pode se recuperar. Mas se as famílias estão doentes, a sociedade como um todo está seriamente ameaçada [...]

A Igreja é o lugar em que o homem escuta a Palavra de Deus, que o orienta em todas as suas tarefas, e na qual ele se aproxima dos sacramentos

*No centésimo aniversário da **Rerum Novarum**, São João Paulo II beatificou Adolfo Kolping, mostrando como ele foi um precursor, na prática, do que entendemos hoje por Doutrina Social da Igreja, conforme observa São João Paulo II. A seguir, principais trechos de sua homilia na missa pela sua beatificação, em 27 de outubro de 1991.*

que lhe dão força para cumprir essas tarefas. Tudo o que a Igreja tem, ela recebeu de Jesus Cristo. Ela tem tudo isso não para si, mas para a humanidade. Na Igreja, encontramos Cristo e, ao mesmo tempo, a nossa vocação no mundo [...] Adolfo Kolping voltou-se sobretudo para os explorados e os fracos. Depois, foram os artesãos e os operários. O seu compromisso social, baseado na fé, deu-lhe forças para trabalhar a serviço do próximo, trazendo-lhe assim a fé na amizade que Deus tem pelo homem. Ele uniu artesãos e trabalhadores, superando o isolamento e a resignação. A comunidade na fé deu-lhes a força para enfrentar a vida cotidiana, como testemunhas de Cristo perante o mundo. Unirmo-nos na dispersão e tirarmos forças da unidade foi e continua a ser, ainda hoje, a nossa tarefa. Somos cristãos não só para nós mesmos, mas ainda mais para os outros [...]

Trabalho. As sombras da injustiça, da exploração, do ódio e da humilhação dominaram a situação dos artesãos e operários do século XIX. Adolfo Kolping estava, antes de tudo, do lado das pessoas. Não foram as estruturas que tiveram de ser mudadas primeiro, mas as pessoas. Inspirado pela fé em Deus, que deseja a felicidade de todos, iniciou um trabalho paciente de educação. Com palavras e escritos, por meio de planejamentos e ações bem pensadas, procurou com seus colaboradores dar espaço e voz ao Evangelho do trabalho, que se tornou, para Kolping e sua obra, o campo de atuação para um Cristianismo cada vez mais próximo do mundo dos trabalhadores. Com suas ideias, ele abriu caminho e foi o precursor das grandes encíclicas sociais que, iniciadas com a *Rerum Novarum* (1891), encontraram uma expressão significativa com *Centesimus Annus* (1991) [...]

Política. O fato de assumir a responsabilidade para com a sociedade e a comunidade dos homens foi para Kolping uma consequência do Evangelho. “Depende de nosso cristianismo ativo”, escreveu Kolping, “se o mundo retorna à ordem cristã. Agora, não devemos limitar esse cristianismo ativo apenas às paredes das igrejas ou aos quartos dos doentes ou às nossas esferas familiares, mas devemos trazê-lo para a vida cotidiana”. Por isso, preparou e incentivou os amigos a assumirem a responsabilidade na política e na sociedade. Os cristãos não devem recuar, mas têm o seu papel e a sua tarefa indispensável no mundo do trabalho e em posições de liderança na política. Sabia que: “A Igreja não pode e não deve negligenciar a questão social [...] Ela deve participar da vida civil e não deve temer a batalha.”

A espiritualidade do Beato Adolfo Kolping

João Ederson
de Oliveira e Silva*

Fundador de uma associação católica de trabalhadores no século XIX que produz frutos até hoje, em mais de 60 países, com mais de 400 mil membros, tornando-se uma das maiores associações católicas do mundo, o Beato Adolfo Kolping viveu uma espiritualidade profunda e muito concreta que, por sua força, ainda é a base fundamental de sustentação da Kolping em nossos dias.

Ao ser beatificado em 1991 pelo Papa João Paulo II, o Padre Adolfo Kolping nos é apresentado pela Igreja como um modelo de vida espiritual, bem como um homem que irradia e marca uma espiritualidade própria.

Sua vida, caminho, pensamentos e obra são mais bem entendidos ao se conhecer a sua concepção de Deus e do homem. Sua preocupação pelo ser humano se funda tanto na fé quanto no respeito à dignidade do homem, imagem de Deus.

A vida espiritual do Beato foi caracterizada por três atitudes testemunhadas em seu percurso:

1. Sua relação pessoal e íntima com

Exemplo de compromisso social cristão e de vida na fé, o Beato Adolfo Kolping teve uma espiritualidade profunda, extraindo da vida de oração, dos sacramentos e da contemplação as graças espirituais necessárias para dar respostas concretas aos problemas sociais enfrentados, levando ao homem condições para assegurar o desenvolvimento humano integral em todas as suas dimensões, tanto material e socialmente, quanto espiritualmente.

Cristo, manifestada em diversas situações durante a vida. Ainda quando estudante, escreveu: “Agora sou noivo de Deus, entreguei-me totalmente a Ele, e isso me faz tanto bem, eleva-me de maneira tão inefável, que eu não trocaria por nada neste mundo.”

Para ele, o amor a Cristo é indissociável do amor ao próximo; por isso dizia: “Onde há amor, ele deve aparecer em todas as situações da vida, estende-se ao homem integral, não só na salvação eterna, mas no seu bem-estar social. Por meio do amor ao próximo é que se manifesta a semelhança com Deus”.

2. Sua confiança inquebrantável em

Deus, que o tornou um devoto da Divina Providência. Com atos de fé explícitos, ele conquistava os objetivos traçados para sua associação e motivava muitas outras pessoas a se unirem em torno daquela missão. Inclusive, em certa ocasião, quando foi questionado por um sacerdote pelo fato de não haver recursos disponíveis para levar a cabo os serviços sociais almejados, ele apenas respondeu “se não houver fé nesta casa, eu vou embora!”; resposta que constrangeu e convenceu aquele Padre a abraçar sua obra.

3. Seu amor à Igreja, manifestada pelo zelo na administração dos sacramentos, no dedicado ensino da

doutrina, na obediência e admiração filial ao Papa, a ponto de se emocionar numa audiência privada com Sua Santidade, e, sobretudo, na defesa da fé por meio de suas exortações que denunciavam as injustiças e erros de seu tempo, convertendo muitas pessoas à fé da Igreja.

Destas três atitudes do Beato resulta: sua grande estima pela família cristã, célula primeira da sociedade que deveria ser protegida e promovida; sua proximidade compreensiva com seus irmãos e seu trato fraternal com eles; sua preocupação com os mais necessitados e marginalizados; sua profunda sensibilidade com a vida profissional e o mundo do trabalho; seu compromisso sociopolítico.

Sobre este último ponto, dizia: “A Igreja não pode nem deve afastar-se dos problemas sociais. Não deve deixar a vida secular nas mãos dos inimigos. Ela deve entrar em cheio na vida e não vacilar diante dos inimigos”.

* Administrador com MBA em Gestão Estratégica e Econômica de Negócios, Diretor Executivo Nacional da KOLPING BRASIL.

O trabalho da Kolping no Brasil

A Kolping Brasil conta com 166 unidades, presentes em 110 municípios, de 18 estados. São 4,8 mil associados e 626 voluntários trabalhando em programas e projetos, com mais de 1 milhão de atendimentos, beneficiando 398 mil pessoas, sendo 153 mil diretamente e 245 mil indiretamente

Sinésio Luiz Antonio*

A KOLPING BRASIL é uma associação católica sem fins lucrativos que atua na superação da pobreza, por meio de formação e trabalho. Com a abertura de sua primeira unidade no Brasil em 1923, neste ano completou um século de atuação no País. Trabalha em duas dimensões: comunitária e social. Na vida comunitária, promove a experiência do encontro, da partilha, das atividades em comum que visam a desenvolver os associados por meio de formações, retiros, encontros, atividades recreativas, culturais e esportivas para cultivar o amor fraterno e a experiência da vida em comunidade; Na vida social, realiza projetos e ações sociais que visam a resolver crises, misérias e dramas na vida de pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social.

Sua atuação se dá com o trabalho de pessoas engajadas nas Comunidades Kolping, muitas atuando de maneira voluntária. Elas identificam as principais necessidades sociais de sua localidade e desenvolvem projetos com impacto transformador. O envolvimento da comunidade local na solução de seus próprios problemas sociais faz com que os projetos tenham uma identidade própria que consegue valorizar a cultura regional promovendo o protagonismo da população envolvida.

Todos os projetos realizados no país fazem parte dos 5 programas sociais da KOLPING BRASIL:

1. Programa de Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes: desenvolve projetos de creches, contraturno escolar e fortalecimento de vínculos familiares, criando alternativas para colaborar com a diminuição da desigualdade social, garantindo um desenvolvimento digno para essas crianças e jovens. Este programa é fundamental para que tenham menor risco e vulnerabilidade social, transformando suas vidas e de suas famílias.

2. Programa de Formação de Jovens e Adultos e Empreendedorismo: desenvolve projetos de formação profissional, geração de trabalho e renda, alfabetização de jovens e adultos, intercâmbio cultural, empreendedorismo e desenvolvimento de trabalhadores autônomos, garantindo um desenvolvimento digno para esses jovens e adultos. O trabalho gera oportunidade de superação da pobreza e de todos os males que



a acompanham. Por meio dele, muitas famílias elevam sua condição de vida no aspecto econômico, material e, principalmente, recuperam a dignidade e autoestima que haviam perdido.

3. Programa de Combate à Fome e à Seca: desenvolve projetos de agricultura e pecuária familiar, tração e reprodução animal, armazenamento e manejo sustentável da água, garantindo a convivência digna no semiárido. Por meio deste programa são construídas cisternas que cole-

tam e armazenam água captada das chuvas. As famílias recebem formação para armazenar, tratar e utilizar a água de maneira sustentável. Também são produzidas hortas e ensinadas técnicas de aquisição, reprodução e venda de animais, produção de artesanatos e produtos caseiros, e desenvolvimento de pequenos empreendimentos produtivos.

4. Programa de Promoção Integral da Família: desenvolve projetos de apoio psicossocial, apoio à moradia, assistência a pessoas com



deficiência, promoção de pessoas da terceira idade, assistência emergencial e projetos voltados às mulheres, garantindo um desenvolvimento digno às famílias. Esses projetos têm o objetivo de fortalecer a função protetiva da família e seus membros, que estão em situação de risco e vulnerabilidade, fornecendo atendimento socioassistencial quando necessário, visando a potencializar a autonomia e o protagonismo dos indivíduos, contribuindo, dessa forma, para a melhoria da qualidade de vida da família e da sociedade como um todo.

5. Programa de Desenvolvimento Comunitário: viabiliza a estrutura necessária à realização dos projetos sociais, como: capacitação de lideranças, formação associativa e sociopolítica, aquisição de equipamentos, reforma ou construção de unidades, negócios sustentáveis, realização de eventos, investimento em pessoas, materiais de comunicação e despesas de suporte aos projetos sociais. É por meio dessas ações de formação e convivência para os associados e líderes Kolping que é possível mobilizar pessoas para a causa da superação da pobreza, fazendo com que a ação social da Kolping aconteça efetivamente, transformando as realidades sociais.

Os princípios pelos quais os programas e projetos devem acontecer estão alicerçados em 3 fundamentos que são: A pessoa e o Evangelho de Jesus Cristo; a Doutrina Social da Igreja; a vida e obra do Beato Adolfo Kolping. Assim, toda ação da Kolping é orientada por princípios seguros que conduzem a pessoa humana em direção ao bem comum.

PARA SABER MAIS SOBRE A KOLPING

Acesse:
<https://kolping.org.br/>

Siga suas redes sociais!
<https://www.instagram.com/kolpingbrasil/>
<https://www.facebook.com/kolping.brasil/>
https://www.youtube.com/channel/UC-54eJvnIS-xm_MTtefljWw
<https://twitter.com/kolpingbrasil>
<https://www.linkedin.com/company/obra-kolping-do-brasil/>

O DESEJO DE ADOLFO KOLPING

Seu fundador deixou como finalidade da Associação que cada membro se torne:

- ✓ Um cristão autêntico: Por meio da vida de oração, dos sacramentos e sincera busca da santidade;
- ✓ Um trabalhador competente: Concebendo o trabalho como vocação e as habilidades como dons que Deus ofereceu gratuitamente como meios de santificação, portanto, devendo ser excelentes no que fizerem;
- ✓ Uma pessoa criativa e recreativa: Utilizando o tempo livre para realizar atividades culturais, esportivas e recreativas para fortalecer o vínculo e amor fraterno entre as pessoas;
- ✓ Um membro de família responsável: Exercendo amor e virtudes na vida familiar para que elas sejam sólidas e estruturadas;
- ✓ Um cidadão consciente e comprometido: Não sendo indiferente aos problemas sociopolíticos de seu tempo, mas sendo parte da solução de acordo com sua vocação específica, trabalhando para que as verdades do Evangelho penetrem em todas as estruturas da sociedade.

* Advogado, Vice-Presidente da OAB Carapicuíba (SP) e Presidente Nacional da KOLPING BRASIL.